

ÓRFÃOS DO ELDORADO: INFÂNCIA E MEMÓRIA NA CIDADE ENCANTADA

Fernanda Coutinho (UFC)¹

Órfãos do Eldorado, novela de Milton Hatoum, publicada em 2008 pela Companhia das Letras, é uma reescrita do mito do lugar marcado pelo encantamento e pela inacessibilidade, presa, como tal, da magia do futuro. O autor dá-lhe uma inflexão particular ao correlacioná-lo às noções de infância e memória, alguns dos elementos definidores de sua poética de fabulação.

Assim, principia-se por uma indagação: Uma viagem real, para longe de si mesmo, seria uma aventura possível para o ser humano? Conseguiria alguém esconder-se inteiramente por trás de uma partida? A depender do julgamento de Arminto Cordovil, protagonista e um dos narradores desse rio-mar de histórias, a resposta parece ser negativa. “Deixei tudo na casa: os móveis, as louças, o relógio de parede, até os lençóis de cama. Só não deixei a memória do tempo em que morei lá” (Hatoum, 2008, p. 79).

Da afirmação pode-se deduzir que a impossibilidade de um efetivo despojamento do eu pela presença pregnante da memória criaria, então, para o indivíduo uma condição semelhante à enunciada por Álvaro de Campos, no verso “Na véspera de não partir nunca” (Campos, 1977, p. 393) o que, de certa maneira, nos leva ao encontro de Sísifo.

Assim, para Arminto, a impossibilidade de estancar o ir-e-vir das recordações equivale à inutilidade do esforço de movimentar uma pedra montanha acima.

O patrimônio de reminiscências faz, portanto, do personagem um cativo de suas lembranças. São lembranças que se vão ancorar nos longes da infância, e que ganham vida, novamente, pelo sopro renovador da narração. É, à sombra de um jatobá, árvore de fruta mística para os índios, que um Arminto velho, contador de sua história, entrelaça mitos pessoais a mitos do imaginá-

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

rio coletivo, moldando-os numa só argamassa que remete a um lugar e a um tempo encantados: seu tempo de criança, em uma Manaus antiga, que lhe ressurge, porém, intacta, refeita pelos cristais de sonho transportados do ontem.

Cabe ao leitor partilhar ativamente desse mundo, a começar pelo título do livro, em que os dois elementos, órfãos e eldorado, já bastante significativos isoladamente, ganham ainda mais em expressividade, quando unidos, uma vez que revelam uma semântica de elevada tensão que se espalha por todo o texto.

A imagem da capa, *Janela em Marabá*, de Luiz Braga, composição de 2005, em cima o nome do autor e o título do livro, e é uma bela paisagem crepuscular, em que tons azulados do céu e da água do rio são enquadrados por uma janela, cuja madeira, da cor quase da noite, deixa-se dourar por feixes de luz lançados do lusco-fusco do fim do dia. Da janela, pende uma cortina de filó rendado, cuja tessitura revela guirlandas entremeadas por flores, num desenho diáfano que retoma o amarelo ouro. A cortina, já de si aberta, como também pela porosidade do tecido de que é feita, encobre mal e mal a paisagem distante, numa figuração plástica de que as lonjuras do passado, muitas vezes, é mesmo, distante do tempo antigo, que gostam de alojar.

Órfão de mãe, Arminto encontra companhia junto a uma série de personagens ficcionais, que também perderam um dos pais ou mesmo os dois. Basta lembrar-se da profusão deles, pertencentes ao universo da literatura infantil, cujos relatos de vida valem como um libelo contra o desrespeito à dignidade da criança, servindo, inclusive, para reforçar o estereótipo da madrasta como um ser cruel. Do mundo maravilhoso dos contos de fadas, a personagem da criança órfã migra para a narrativa romanesca, atingindo um ponto de destaque no século XIX, por ocasião do Romantismo, que, realçando a condição da infância explorada, ajuda a fixar o órfão como um tipo literário, o qual, mais que um tipo social, como o retirante, o tipógrafo ou a prostituta, dentre tantos, tem preferencialmente nos dados de sua subjetividade um perfil de definição.

Um exemplo clássico da condição de assujeitamento, decorrente da orfandade, é encontrado na pequena Cosette, de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

Na literatura inglesa do mesmo século, essa situação de privação afetiva é recorrente em Charles Dickens, levando-se em conta as biografias de Oliver Twist, David Copperfield e a de Philip Pirric, o Pic, de *Grandes esperanças*.

Também a literatura brasileira vem apresentando, ao longo do tempo, crianças órfãs como protagonistas: Raimundo, de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, o Bentinho machadiano, e ainda o Carlinhos, de *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, para citar apenas uns poucos.

Em *Um outro mundo: a infância*, Marie-José Chombart de Lauwe observa que o embate das personagens crianças com o sofrimento, com a morte e com as grandes dores da vida é idêntico ao dos adultos, mas, nessas circunstâncias, o “horror pela condição humana aparece mais brutalmente porque a personagem a percebe pela primeira vez, ou seja, ela é frágil, inocente, não pôde ainda se endurecer” (Chombart de Lauwe, 1991, p. 425).

A estudiosa desmistifica a condição da criança como alguém limitado a emoções rasas, podendo-se ainda acrescentar que cada vivência do luto comporta sutilezas próprias.

Sobre Cosette, Chombart de Lauwe assinala que a pequena, apesar de ter apenas oito anos, de tanto sofrer, apresentava uma fisionomia envelhecida, e mostrava-se como que alheada da realidade. No caso em questão, a orfandade redundará mais perceptivelmente na exploração social, pois ela é o que se pode chamar de burro de carga, fazendo todo o serviço da casa dos Thénardier, sem cogitar em brincadeiras ou descanso.

Já o menino de engenho, recebe a notícia da morte da mãe, por volta dos quatro anos de idade, e este fato tem para ele a força do impacto que mais tarde poderá testemunhar no ímpeto destrutivo das águas que a cheia dos rios lança nas plantações.

As recordações de Carlinhos remontam a um tempo edênico: “ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos” (Rego, 2002, p. 36). A parte final da afirmação revela a dimensão da lacuna trazida pela ausência materna, já que, como se sabe, para as crianças, os brinquedos configuram um talismã. Na

Poética do devaneio, Gaston Bachelard assinala: “do familiar amado ao sagrado pessoal não há mais que um passo. Logo o objeto é um amuleto, ajuda-nos e protege-nos no caminho da vida” (Bachelard, 1996, p. 34-35).

Apesar de todo o desamparo, Carlinhos, ao contrário de Arminto, é visto como alvo do *pathos*: ele é o ser que sofre, uma vez que o desequilíbrio do pai é o que leva ao assassinato do ser de desejo. Arminto, porém, é tomado como o próprio agente do luto: “tua mãe te pariu e morreu.” A frase vale como uma dupla sentença de morte, em primeiro lugar para Arminto: “até hoje recordo as palavras que me destruíram” (Hatoum, 2008, p. 16). Na mesma circunstância, para o pai, Amando, cuja morte simbólica é decretada pelo filho, através da recusa em aceitar os dizeres acusatórios, palavras instauradoras da culpa.

Órfãos do Eldorado correspondem a uma litania que tem no abandono o seu refrão; assim, nessa história de pessoas fadadas ao desencontro, a idéia de orfandade pode ser lida em toda a sua potência. Amando, por exemplo, não vê na sobrevivência do filho nenhum consolo com relação à falta de Angelina, sua mulher, cuja fotografia na parede rende um permanente ritual de reverência, em contraposição ao desapareço para com o filho configurado no gesto mecânico da pergunta de todos os dias.

Eu esperava Amando na banquetta do piano. Uma espera angustiada. Queria que ele me abraçasse ou conversasse comigo, queria ao menos um olhar, mas ouvia sempre a mesma pergunta: Passearam? Aí ele se aproximava da parede e beijava a fotografia de minha mãe (p. 18).

A anulação simbólica por parte de Arminto de seu pai, Amando, gera uma enorme distância entre ambos e o interior desse vácuo abrigará a subversão de um projeto de continuidade da linhagem familiar que, iniciada por Edílio, vai desmoronar pela transgressão de Arminto, cuja indiferença ao acúmulo de bens materiais faz do Eldorado, por ele construído, um lugar cheio de miragens, porém reveladoras de outros tesouros.

dourado. À noite, antes de deitar-se, o rei chamava de novo os escravos: os escravos lavavam todo aquele pó e lançavam-no fora. No outro dia, conforme o uso, recomeçava-se tudo outra vez..." (Setúbal, 1950, p 22-23).

Pelo que foi observado nas diversas narrações em torno do Eldorado, esse é um mito que aponta para o futuro, situando-se na potencialidade do que vai ser conquistado.

A leitura de *Órfãos do Eldorado*, como foi aqui sublinhado, deixa perceber que Arminto quebra a ciclo de cobiça que vinha sendo encadeado por seu avô e por seu pai, criando para si um outro Eldorado, cujo balizamento é o tempo passado, o reviver da infância.

Sua Manoa também é uma cidade encantada, habitada por sortilégios: "na tarde úmida, um arco-íris parecia uma serpente abraçando o céu e a água" (Hatoum, 2008, p. 11). O motivo maior do encantamento para Arminto, porém, é o de fazer ressoar em sua memória as histórias de lugares e seres imaginários, como o fundo das águas do rio, para onde um ser encantado arrastou certa vez uma tapuia para quem o Eldorado era a distância da solidão.

As lendas amazônicas chegavam a Arminto transmitidas pelos avós das crianças índias: a história do homem da piroca comprida, a da mulher seduzida por uma anta-macho, a da cabeça cortada. Nesta última, o corpo de uma mulher viaja sozinho, procurando comida em outras aldeias, enquanto a cabeça se gruda no ombro do marido. E depois?

Aí, de noitinha, quando um pássaro canta e surge a primeira estrela no céu, o corpo da mulher volta e se gruda na cabeça. Mas uma noite, outro homem rouba metade do corpo. O marido não quer viver apenas com a cabeça da mulher, ela a deseja inteira. Passa a vida procurando o corpo, dormindo e acordando com a cabeça da mulher grudada no ombro (Hatoum, 2008, p. 13).

Todas as narrativas são cheias de assombro, perpassadas pelo desejo, pelo inconformismo, dominadas por uma outra regência de tempo: o tempo cíclico que dá voltas em torno de si mesmo.

Assim, revendo, pela janela da memória, o que foi sua vida, o protagonista vê-se imerso em uma cidade encantada, num tempo encantado, de histórias encantadas: sua idade de ouro. É no viver o onírico que Arminto suplementa o espaço da perda, num processo vicário em que a pretensa irrealidade da vida imaginária dá consistência à rarefação da realidade.

Discorrendo sobre o sentido do mito da idade de ouro, Jean-Jacques Wunemberger contempla-o como um lugar compensatório, e de onde as pessoas não conseguem se arredar:

a Idade de ouro encaminha a um mundo longínquo, afastado no espaço e no tempo, que não figura em nenhum mapa, que não foi descoberto por nenhum historiador, mas que, ao mesmo tempo, nos é muito próximo em nosso imaginário; um mundo que conhecemos bem no fundo de nós mesmos, para onde nos dirigimos freqüentemente pela imaginação, sempre que estamos cansados ou deprimidos pela vida ou pela história, sempre que sonhamos com um mundo melhor (Wunemberger, 2001, p. 27).

Ligado ao tempo dos começos, sendo, inclusive referido por Hesíodo em *Os Trabalhos e os dias*, como uma época de plena abundância, a idade de ouro enlaça-se à infância exatamente pelo fato de ser esse período da vida humana o tempo em que o indivíduo é capaz de, por um sábio manejo da matéria do sonho, construir tesouros de que a passagem do tempo mais e mais lhe autentica a propriedade.

O cromatismo luminoso que correlaciona ambos os mitos fornece lampejos de compreensão para uma história familiar em que o breu do silêncio enovela-se com as fulgurações douradas. E a vida saberia fazer diferente?

Referências

BACHELARD, Gaston. *A Póetica do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CAMPOS, Álvaro de. Ficções do Interlúdio. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. *Um outro mundo: a infância*. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, 1991.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MANUEL, Alberto et GUADALUPI, Gianni. *Dictionnaire des lieux imaginaires*. Traduit de l'anglais par Patrick Reumaux et al. Paris: Actes Sud, 1998.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 84. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2002.

SETÚBAL, Paulo. *El-Dorado, episódio histórico*. São Paulo: Saraiva, 1950.

VOLTAIRE. Cândido ou o otimismo. In: *Contos*. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

WUNEMBERGER, Jean-Jacques. Le mythe de l'âge d'or, fondement et limites de la raison politique. In: PEYLET, Gérard (Org.). *Études sur l'imaginaire: mélanges offerts à Claude-Gilbert Dubois*. Paris, L'Harmattan, 2001.